

Organizadores:
Nilson Almino de Freitas
Claudia Turra Magni
Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira



Trajetórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil

Volume 1

Série
Território
Científico

SER
TÃO
CULT



Nilson Almino de Freitas é bolsista de produtividade do CNPQ (PQ2). Graduado em Ciências Sociais (Bacharelado) pela UFC (1994), mestrado em Sociologia pela UFC (1999), doutorado em Sociologia pela UFC (2005) e Pós-Doutorado em Estudos Culturais no Programa Avançado em Cultura Contemporânea da UFRJ (2011). Atualmente é professor Associado da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Pesquisador Associado do Pós-doutorado em Estudos Culturais do Programa Avançado em Cultura Contemporânea da UFRJ, professor do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Geografia da UECE, faz parte do quadro permanente do Mestrado Profissionalizante em Rede de Ensino de Sociologia na UVA e foi professor do quadro permanente do Mestrado Acadêmico em Geografia entre 2014 e 2019 na UVA. Coordena o Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – Labome.



Claudia Turra Magni é Graduada em História (1983-1987), com mestrado em Antropologia Social (1990-1994) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutorado em Antropologia Social e Etnologia pela Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS, 1997-2002). Professora (associada 3) do Depto. de Antropologia e Arqueologia (Bacharelado e Pós-Graduação em Antropologia) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), onde coordena o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS/ICH/UFPEl), desde 2008, e o coletivo Antropóéticas (Grupo de Pesquisa do CNPq). Pesquisadora associada ao Institut d'Ethnologie Méditerranéenne, Européenne et Comparative (IDEMEC) vinculado à Université Aix-Marseille/AMIU e ao Centre National de Recherche Scientifique/CNRS, onde realizou pós-doutorado (2019-2020). Membro da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) desde 1994.



Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira é Professor, pesquisador, realizador audiovisual e fotógrafo, é doutorando e mestre em Comunicação (UFPE), com ênfase em Cinema Indígena e Documentário e bacharel em Ciências Sociais (UFC), com ênfase em Antropologia Visual e Etnologia Indígena. Tem experiência nas áreas de cinema e audiovisual, documentário, fotografia, antropologia visual, etnografia e etnologia. É membro do Grupo de Pesquisa “Imagens Contemporâneas” (PPGCOM/UFPE), da Rede Internacional de Cooperação em Artes, Educação e Humanidades (RedArth - Portugal), das Comissões Organizadoras dos projetos de extensão IX Festival Internacional do Filme Etnográfico do Recife (UFPE) e X Visualidades (UVA - Sobral/CE). Associado da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine), da Associação de Investigadores da Imagem e Movimento (AIM - Portugal) e da Associação para o Documentário (Apordoc - Portugal). Foi cofundador do Laboratório de Antropologia da Imagem - LAI/UFC (2005) e sócio-fundador do Instituto da Fotografia - IFOTO (Fortaleza, 2005).

Organizadores:
Nilson Almino de Freitas
Claudia Turra Magni
Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira



Trajetórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil

Volume 1



Sobral-CE
2022



Trajétórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil. Volume 1

© 2022 copyright by Nilson Almino de Freitas, Claudia Turra Magni, Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira. (Orgs)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial

Alex Giuliano Vailati
Alice Fátima Martins
Ana Luiza Carvalho da Rocha
Daniel Schroeter Simião
Daniele Borges Bezerra
Edgar Teodoro da Cunha
Fabiene de Moraes Vasconcelos Gama
Ilana Strozenberg
José da Silva Ribeiro
Luis Felipe Kojima Hirano
Otávio José Lemos Costa
Patrícia dos Santos Pinheiro
Paulo Passos de Oliveira
Rumi Regina Kubo
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros

Trabalho técnico de transcrição:

Alessandro Barbosa Lopes
Alessandro Ricardo Pinto Campos
Alexsânder Nakaôka Elias
Antonio Jarbas Barros de Moraes
Caio Nobre Lisboa
Daniele Borges Bezerra
Eric Silveira Batista Barreto
Tanize Machado Garcia
Vicente de Paulo Sousa

Apoio técnico às entrevistas online:

Vicente de Paulo Sousa

Revisão:

Celina Maria Linhares Paiva

Diagramação e capa

João Batista Rodrigues Neto

Imagens de capa:

Fabrizio Barreto Fuchs - Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (Leppais)
Paula Morgado e a bolsista Mariana Baumgaertner trabalhando no acervo fotográfico no Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA, 2017)

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

Realização:



Apoio:



T765 Trajetórias pessoais na antropologia (audio) visual no Brasil. / Organizado por Nilson Almino de Freitas, Cláudia Turra Magni, Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira – Sobral- CE: Sertão Cult, 2022.

342p.

ISBN: 978-65-5421-012-6 - papel
ISBN: 978-65-5421-011-9 - e-book em pdf
Doi: 10.35260/542101119-2022

1. Antropologia visual. 2 História da Antropologia. 3. Cinema. 4. Ciências Sociais. I. Freitas, Nilson Almino de. II. Magni, Cláudia Turra. III. Bandeira, Philipi Emmanuel Lustosa. IV. Título.

CDD 301



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

Dedicado à Professora Patrícia Monte-Mor
(in memoriam)

Prefácio

No ano de 2020, a pandemia da COVID-19 pôs em risco a existência da humanidade, desafiando-nos a viver o isolamento sanitário sob normas e restrições até então desconhecidas. Em meio a este drama traumático, com apoio da ciência e da tecnologia, foi preciso reinventar formas de relacionamento social e profissional, lançando mão de resiliência, criatividade e solidariedade. O trabalho remoto foi incorporado ao nosso cotidiano, revelando possibilidades até então impensáveis na conexão entre pessoas, coletivos, organismos e instituições, que passaram a promover intercâmbios e eventos *online* de toda ordem.

É nesse contexto que surgem as “Webconferências sobre Trajetórias Pessoais na Antropologia Visual do Brasil”, organizadas de forma remota, via *StreamYard*, pelo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas da Universidade Estadual Vale do Acaraú (LABOME/UVA), com o apoio do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som da Universidade Federal de Pelotas (LEPPAIS/UFPel) e de seu Coletivo Antropoéticas, além do Comitê de Antropologia Visual da Associação Brasileira de Antropologia (CAV/ABA). Este projeto veio responder à iniciativa da Editora SertãoCult para que os membros de seu Conselho Editorial realizassem uma série de doze entrevistas remotas em suas respectivas áreas de pesquisa, visando à publicação do material reunido em *e-book*, para distribuição gratuita no âmbito de uma série chamada “Territórios Científicos”.

Ocorre que este leque inicial de entrevistas mostrou-se insuficiente para dar conta da vastidão e do vigor da Rede de Pesquisa em Antropologia Visual Brasileira, atualmente espalhada por todas as regiões do país. Isso estimulou os organizadores a “dobrarem a aposta” com um segundo volume, proposta que foi imediatamente acolhida pela editora, na medida em

que outro membro do Conselho Editorial também integra a equipe. Mas vinte e quatro entrevistas pareceu-nos ainda pouco representativo da densa tecitura que compõe esta Rede de Pesquisas, de modo que recorremos à captação de recursos via *crowdfunding* para um terceiro volume desta série. Cientes de que a relevância das trajetórias de profissionais que se cruzam, se tangenciam e se retroalimentam neste campo de atuação impõe limitações e incompletudes ao projeto, elegemos alguns critérios de escolha das pessoas a serem entrevistadas: a diversidade em termos regionais, institucionais, étnicos, raciais, de gênero; a variedade geracional quanto ao envolvimento no campo da Antropologia Visual, e ainda a participação em alguma edição precedente do programa de extensão Visualidades¹, promovido anualmente pelo LABOME desde 2009 e que, no ano de 2020, teve de ser suspenso devido à pandemia.

Ao todo, portanto, são três *e-books*, totalizando trinta e seis capítulos revisados e editados pelos/as entrevistados/as, de acordo com o que consideraram mais significativo frisar ou alterar em seus depoimentos. O material foi transcrito por discentes e docentes de graduação e pós-graduação, os quais assinam a coautoria dos capítulos, na medida em que entendemos a transcrição como uma interpretação da escuta do audiovisual, implicando na transformação da linguagem oral para a linguagem escrita. Convidados/as eventuais na condução das conversas também foram considerados coautores/as dos capítulos, enquanto aos três entrevistadores/a mais assíduos/a coube a função de organização da série.

A distribuição das entrevistas nos 3 volumes não buscou estabelecer um ordenamento cronológico, geracional, hierárquico ou outro, mas meramente atender às exigências do ritmo editorial, de acordo com o tempo das transcrições e de sua revisão por parte das pessoas entrevistadas. Assim, o conjunto do material encontra-se disponibilizado ao público em dois formatos:

1 O Visualidades oferece formação e mostras descentralizadas no campo das artes visuais, especialmente documentário, fotografia, desenho, pintura e instalações artísticas. Nos últimos anos, ganhou dimensão nacional e, antes da pandemia, envolveu 39 lugares, como escolas públicas de ensino básico, ONG's, equipamentos de assistência social e até nas ruas de bairros pobres de 13 cidades envolvidas. Os profissionais que haviam participado de conferências, minicursos e mesas redondas em alguma das dez edições precedentes foram convidados para as webconferências. O portfólio do Visualidades, pode ser visto no link: https://linkin.bio/labome_uva.

textual (editado e sintetizado em *e-book*) e audiovisual, com a integralidade das webconferências, acessíveis na página do LABOME² no *YouTube*.

As webconferências não tiveram limitação de tempo, nem roteiro rígido de perguntas, configurando-se mais como um espaço de diálogo aberto, incluindo comentários e perguntas do público. Houve depoimentos mais longos, com cerca de 4 horas de duração, outros mais sucintos, mas todos ricos em informações, referências e reflexões. Para além dos iniciantes, que acompanhavam de forma síncrona, também foram muito assíduos os integrantes desta comunidade de pesquisas, que encontraram nestes eventos remotos uma oportunidade de reafirmação de seus laços intelectuais e afetivos, na medida em que congressos, seminários e festivais onde costumavam se encontrar estavam suspensos. Estas entrevistas, portanto, não foram pautadas pela impessoalidade; ao contrário, elas fluíam conforme a identificação pessoal dos/as entrevistadores/as e participantes externos, de acordo com o tema e a experiência particular de cada um/a.

Na narrativa das pessoas entrevistadas, percebe-se o gosto pela revisão e reflexividade de seus percursos, entrelaçados com o de mestres, discípulos, colegas, estudantes, coletividades, associações e instituições, com os quais tecem relações dinâmicas, cumplicidades e/ou divergências e disputas. Mais do que meras autobiografias, portanto, estes experimentos narrativos acentuam múltiplos caminhos, envolvimento específicos, tensões e diferenças importantes que dão a ver o lastro no qual emerge e vai se delineando um campo de saber e atuação profissional que foi conquistando espaço e legitimação epistemológica, acadêmica e social ao longo das últimas e décadas. Com a publicação destes relatos, pretendemos contribuir na constituição de um material de base para a tarefa instigante de compreensão da implantação, do desenvolvimento e de desdobramentos deste campo da Antropologia no Brasil. Em que pese o movimento rizomático e a sinergia entre várias trajetórias particulares guiadas pela busca de sentido a suas práticas, esta análise não poderá desconsiderar os afetos multisituados envolvendo vários agentes, temas, métodos e técnicas, que ora convergem, ora divergem, de modo que cada experiência pessoal rompe rotinas estáveis e lógicas universais, sem desprezar tradições locais, regionais, nacionais e internacionais. Sem o intuito de identificar uma “mídia

2 A playlist completa pode ser acessada pelo link: https://www.YouTube.com/playlist?list=PLrKSbcOn7CPlLnaOF35Gi_ZrB2H7z7H7.

geral” entre trajetórias singulares, ou de cristalizar “formas de fazer” para a Antropologia (Audio)visual, nosso propósito foi o de valorizar as experiências e subjetivações através de histórias engajadas em movimentos, agências, desejos e potências coletivas.

Nilson Almino de Freitas
Claudia Turra Magni
Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira
Orgs.

A série Território Científico

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da SertãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume Diálogos sobre a Ditadura, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, e do volume dois, Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva, a série Território Científico chega ao seu terceiro volume, que reúne alguns dos maiores pesquisadores da Antropologia Visual. É com orgulho que apresentamos Trajetórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil - Volume 1.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Antropologia Visual brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país. E mais: é só o primeiro volume de uma série de três, nos quais são reunidas três dezenas de entrevistas. Estas obras já surgem como referência para aqueles que buscam conhecer a Antropologia Visual.

Passados alguns meses da realização das entrevistas, finalmente a pandemia dá mostras de arrefecimento. O isolamento que tanto nos custou, começa a dar lugar a reencontros presenciais e estas entrevistas, mais do que um relato de experiências de pesquisa, passam a compor um registro histórico de como a crise sanitária afetou toda a nossa sociedade.

Se a produção científica segue sendo alvo de constantes ataques e aqueles que se dedicam a ela ainda são encarados quase como inimigos do Estado, é mais do que pertinente, mas necessário que todos aqueles que acreditam na educação, na ciência, no conhecimento se unam e abracem projetos que busquem aproximar essa produção e o público em geral.

Mais um livro se junta à nossa série, nos deixando ainda mais orgulhosos e empenhados em nossa defesa incondicional da ciência.

Que venham os próximos volumes!

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Marco Antônio Machado

Coordenadores da Série Território Científico

Apresentação

Inicialmente, gostaria de agradecer aos organizadores o convite para escrever a Introdução deste primeiro volume da série de publicações **Trajetórias Pessoais na Antropologia (Áudio)Visual do Brasil**, organizado por Nilson Almino de Freitas, Claudia Turra Magni, Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira entre outros colegas.

Início minha introdução destacando que as histórias e as estórias que foram aqui relatadas versam sobre uma importante aventura espiritual, intelectual e ética para a formação da área da Antropologia visual contemporânea, seja nacional, seja internacional. Meus comentários sobre este volume dessa importante série de publicações vai compor-se de idas e vindas de minhas relações subjetivas e afetivas com o tema em questão, em um esforço de fazer o leitor despertar para os jogos de memória que mantêm viva a Antropologia audiovisual no Brasil.

Assim, para prosseguir, gostaria que o leitor se posicionasse no contexto de minha escrita segundo as palavras enunciadas por Marcel Proust (1971:305), no seu projeto inconcluso de crítica ao método crítico de Sainte-Beuve (1804-1969) para o estudo da arte literária: “Os belos livros são escritos numa espécie de língua estrangeira. Sob cada palavra, cada um de nós coloca o seu sentido ou pelo menos a sua imagem, que frequentemente é um contra-senso.” Não será por acidente que recorro, portanto, à minha ligação particular com esse campo de conhecimento para falar da obra em si, ao invés de apresentar os encadeamentos narrativos entre as trajetórias intelectuais apresentadas ou buscar entre elas, a todo o custo, uma ordenação num tempo específico.

Vou seguir aqui um certo excurso interpretativo para o que peço a compreensão do leitor. Nesse momento, vêm à minha mente os comentários de

meu mestre, Gilberto Velho, em sua obra *Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia das sociedades complexas*³, e que dizem respeito à condição do antropólogo pesquisando sua própria cidade. Isto se deve ao fato de que fui desafiada pelos meus colegas organizadores deste volume a tornar conhecido algo que sempre me foi familiar.

Logo, ainda para instruir o leitor sobre esta Introdução, confesso que, ao ler os depoimentos contidos nesta publicação, ainda que projetasse me manter vigilante no momento da leitura, não consegui me desprender das lembranças dos encontros diversos que compartilhei com os(as) colegas na nossa luta para legitimar os usos dos recursos audiovisuais para os avanços da pesquisa antropológica no Brasil.

A leitura que fiz da obra fez-me rememorar, portanto, alguns temas clássicos abordados pelo meu querido mestre, em sua extensa obra, em especial, em seus estudos sobre *Projeto, e metamorfose – Antropologia das Sociedades Complexas*⁴ e *Subjetividade e Sociedade: Uma Experiência de Geração*⁵. Não obstante o título da série apontar para as trajetórias pessoais na Antropologia visual do Brasil, minha leitura foi pautada por algumas normativas dos estudos da Antropologia das sociedades complexas, agora aplicada a nós próprios, antropólogos e antropólogos.

Os acontecimentos, as situações e os fatos aqui presenciados por nossos narradores constituem valiosos conjuntos de experiência de diferentes profissionais ao longo de suas trajetórias acadêmicas e de pesquisa na direção da criação, da consolidação e da expansão do campo disciplinar da Antropologia audiovisual no Brasil, ou Antropologia visual, como alguns podem preferir. Peço, assim, a atenção ao leitor sobre peculiaridades das informações, dos dados e dos fatos contidos nos testemunhos de meus colegas com quem dialogo a partir de minha área de atuação, a da Antropologia da imagem e do imaginário.

Mais que trajetórias pessoais, destaco que se tratam de trajetórias individuais no interior de uma área de conhecimento específica da Antro-

3 VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

4 VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

5 VELHO, Gilberto. *Subjetividade e Sociedade: Uma Experiência de Geração*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1986.

pologia, considerada nos termos de um espaço sociocultural no interior do qual se tecem, finalmente, cada uma das trajetórias intelectuais aqui apresentadas. As entrevistas tratam, em muitas passagens, dos “quadros socio-históricos”, nos termos de Gilberto Velho (1981), que marcaram o processo de formulação e implementação dos projetos individuais de cada entrevistado(a) no campo da Antropologia brasileira.

Ao manusear este volume, peço ao leitor especial atenção à presença de diferentes projetos sociais que atuaram na formação específica da área da Antropologia audiovisual no Brasil. Da mesma forma, sugiro que reflitam atentamente acerca das peculiaridades e das singularidades que marcaram especialmente o percurso de consolidação desta matriz disciplinar no interior da pesquisa nas ciências humanas e sociais do país. E assim, a consolidação dessa área de conhecimento nas instituições de pesquisa e no ensino de graduação e pós-graduação do Brasil, as quais pertencem, diferenciadamente, cada um dos(as) entrevistados(as).

Reforço mais uma vez que se tratam de trajetórias que se desenrolam no campo das produções intelectuais, a da Antropologia do e no Brasil, e que vão convergir em um projeto coletivo, o da formação da área da Antropologia audiovisual brasileira, vivido singularmente por cada um dos indivíduos aqui entrevistados. Lembrando os estudos de meu mestre, o leitor está acessando biografias e trajetórias individuais que se expressam em projetos individuais, na direção de uma carreira profissional (VELHO, 1981) numa área específica de ensino e pesquisa da Antropologia brasileira.

Sigo aqui um roteiro muito específico, em minha leitura. Valho-me da experiência com o projeto de série documental *Narradores urbanos, etnografia nas cidades brasileiras*, construído pela minha colega e parceira de pesquisa, Cornelia Eckert com o objetivo de apresentar a gênese da formação do campo da Antropologia urbana no Brasil. Um projeto que teve a duração de mais de 5 anos, e que foi realizado pela equipe de pesquisadores do Banco de Imagens e Efeitos Visuais/BIEV em parceria com o Núcleo de Antropologia Visual/Navisual, sob sua coordenação, dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Neste sentido, esta publicação apresenta trajetórias individuais de pesquisadores relacionadas a certas constelações culturais singulares, a da formação dos saberes e fazeres científicos nas áreas das ciências sociais e, espe-

cialmente, no que se refere ao lugar que ocupa a produção audiovisual dentro da matriz disciplinar da Antropologia como parte de um projeto coletivo.

Trata-se de um projeto inicialmente tecido, nos fios do tempo, por alguns antropólogos e antropólogas, e que abarcou uma luta por espaços da área acadêmica, que se iniciava em congressos, seminários e encontros, e prolongava-se com a promoção de mostras nacionais e internacionais de documentários etnográficos e exposições fotográficas. Desse esforço resultou, por exemplo, a criação do Prêmio Pierre Verger de documentário etnográfico e, mais tarde, de fotografia e de desenho pela Associação Brasileira de Antropologia/ABA. Essa luta, travada tanto no plano das ideias quanto das instituições de ensino e de pesquisa, e mais além, das agências de financiamento e de avaliação, resultou hoje na inclusão da produção audiovisual brasileira no Qualis CAPES/ Comissão de Aperfeiçoamento e Pesquisa de Ensino Superior.

Observando o que me é familiar, me dou conta que a leitura desta publicação está fortemente influenciada pelo fato de que participei, em muitos momentos, do ambiente fecundo da construção do campo conceitual da Antropologia audiovisual no Brasil, razão pela qual me permito chamar a atenção do leitor para alguns aspectos singulares da forma como a publicação foi organizada.

Inicialmente, destaco que os depoimentos aqui retratados não obedecem nem a uma lógica historiográfica, nem a uma genealógica. Entretanto, sua originalidade reside precisamente no fato de que este *e-book* nos oferece um mosaico rico de experiências na área da Antropologia audiovisual do país que, se observados à distância, parecem estar distantes entre si, em termos geracionais. Entretanto, mantendo-se a atenção naquilo que nos é oferecido pelos relatos, podemos perceber um entrelaçamento sutil das memórias intergeracionais que vão dar origem à configuração de uma matriz disciplinar para esse campo do conhecimento antropológico no Brasil, assim como às diversas tradições que hoje se apresentam para o cenário nacional.

Sem dúvida, ainda que contendo uma mesma ordem de inquietude intelectual, se um leitor mais exigente desejar, ele poderá situar os principais fatos e acontecimentos registrados nas entrevistas dentro de certos intervalos de tempo, no esforço de compreender o sentido histórico atribuído

ao uso dos recursos audiovisuais na produção, distribuição e circulação do conhecimento antropológico.

Mas, ainda uma vez, eu peço ao leitor neófito um outro desafio na leitura desta publicação. Gostaria que ele se interrogasse sobre a intra-temporalidade que reúne os autores e autoras, segundo as diversas gerações, nessa aventura antropológica que se iniciou já há algum tempo e que se prolonga até os dias de hoje, com a atuação da nova geração de antropólogos/as atuantes nas redes digitais e eletrônicas contemporâneas.

Na “escuta” atenta dos relatos, peço especial atenção para as marcas dos aspectos geracionais nas trajetórias intelectuais aqui retratadas. Na atenção aos registros, e aos espaços de formação de cada personagem desta aventura, reparem na influência de diferentes tradições que marcaram a formação da matriz disciplinar da Antropologia audiovisual brasileira, atentem para o pluralismo de suas fontes originais, muitas delas situadas fora do Brasil.

Nesse cenário, acompanhem as trajetórias intelectuais nas relações que se tecem no campo das instituições acadêmicas de graduação e pós-graduação, da última década do século passado até os dias atuais, das quais decorreram a criação do ensino e da pesquisa na área da Antropologia audiovisual, em especial, nos Programas de Pós-Graduação do Brasil.

A abundância de teses, dissertações e trabalhos de curso de graduação que hoje temos não é mero acaso. Importante sempre recordar que esse panorama de que hoje desfrutamos nos usos da imagem para a produção de novas escritas etnográficas origina-se da audácia de alguns que desejavam ir além das formas convencionais de expressão escrita na construção de conhecimento antropológico. Essa série de publicações certamente tem uma importante missão a cumprir no plano dos jogos de memória dessa matriz disciplinar. Infelizmente, nesse percurso, perdemos algumas pessoas queridas que, sem elas, não teríamos chegado até aqui. Foi o caso de Patrícia Monte-Mor, mais recentemente.

Outro aspecto para o qual gostaria de chamar a atenção diz respeito à diversidade de formação dos profissionais no campo da Antropologia audiovisual que vamos encontrar na leitura deste volume, abrangendo profissionais que atuam em várias universidades brasileiras. Alguns deles são

responsáveis pela formação de importantes laboratórios, centros e núcleos de antropologia visual e do país, todos eles articulados em redes de parceria e colaboração de pesquisa tanto nacional, quanto internacional.

Importantes figuras do atual cenário da pesquisa brasileira, contribuíram de muitas formas para a produção de uma rica e vigorosa literatura especializada nos estudos de Antropologia audiovisual, presente em várias formas de publicação: livros, periódicos, artigos que tratam das questões teóricas e conceituais do campo da Antropologia audiovisual, sempre com uma reflexão crítica acerca dos procedimentos e das técnicas que envolvem o uso dos recursos audiovisuais no trabalho de campo.

À medida que a leitura das narrativas vai se acumulando, torna-se evidente que a produção audiovisual na/da Antropologia brasileira amplificou o debate em torno das modalidades narrativas no caso da produção de obras etnográficas. Um debate que alude às questões éticas do uso do registro audiovisual, não apenas durante o trabalho de campo do antropólogo, mas após sua finalização. Estou me referindo ao trabalhoso processo de reflexão acerca da autoria e da autoridade do etnógrafo na e da sua produção intelectual através do uso dos recursos audiovisuais, e que acarreta a desconstrução do positivismo e do objetivismo atribuído ao corpo da letra para a produção do conhecimento em Antropologia. Sem abdicar do papel da escrita na construção do pensamento antropológico, os testemunhos aqui apresentados sempre ressaltam a importância para o antropólogo do retorno da obra audiovisual, seja ela qual for, aos seus colaboradores de pesquisa.

Outro ponto de destaque reside no fato de que o leitor, ao adentrar os meandros do tempo que tecem as trajetórias intelectuais que compõem essa publicação, precisa ficar atento às transformações progressivas dos temas e dos objetos de pesquisa entre as diversas gerações entrevistadas e das quais vão derivar uma multiplicidade de produções que foram importantes para a consolidação, no Brasil, da investigação antropológica com e por meio das imagens. Todas elas disponíveis no acervo da Associação Brasileira de Antropologia e nos acervos de Núcleos e Laboratórios que atuam na área da produção audiovisual da Antropologia brasileira

Finalmente, chamo a atenção do leitor das novas gerações de antropólogos para o fato de que a liberdade por vocês desfrutada na adoção

de novas escrituras etnográficas no processo de transmissão dos saberes antropológicos origina-se precisamente das ricas trajetórias intelectuais de pesquisadores que lhes antecederam, incorporando narrativas etnográficas audiovisuais em suas produções acadêmica, sempre acompanhadas da reflexão sobre ética do uso das imagens na pesquisa. Vale, portanto, lembrá-las, sempre!

Boa leitura!

Ana Luiza Carvalho da Rocha, antropóloga.
Banco de Imagens e Efeitos Visuais, BIEV
Núcleo de Antropologia Visual/Navisual
PPGAS, UFRGS.
Porto Alegre, maio, 2022.

Sumário

Doi: 10.35260/54210119p.22-45.2022

**Uma trajetória não é um caminho solitário:
entrevista com Clarice Peixoto.....22**

Clarice Ehlers Peixoto
Vicente de Paulo Sousa
Daniele Borges Bezerra

Doi: 10.35260/54210119p.46-70.2022

**O que é que podemos conhecer juntos:
entrevista com Ana Lúcia Ferraz.....46**

Ana Lúcia Marques Camargo Ferraz
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Alexsânder Nakaóka Elias

Doi: 10.35260/54210119p.72-99.2022

**A Antropologia não se faz só de texto:
entrevista com Nilson Almino.....72**

Nilson Almino de Freitas
Wagner Ferreira Previtali

Doi: 10.35260/54210119p.100-123.2022

**A representação está carregada de afetos:
entrevista com Paula Morgado.....100**

Paula Morgado Dias Lopes
Antonio George Lopes Paulino
Alexsânder Nakaóka Elias

Doi: 10.35260/54210119p.124-147.2022

**A Antropologia é a arte da escuta:
entrevista com Lisabete Coradini.....124**

Lisabete Coradini
Telma Bessa Sales
Alexsânder Nakaóka Elias

Doi: 10.35260/54210119p.148-175.2022

**Toda antropologia é visual:
entrevista com Sylvia Caiuby.....148**

Sylvia Caiuby Novaes
Tanize Machado Garcia

Doi: 10.35260/54210119p.176-211.2022

**A generosidade, a solidariedade e o sonho existem:
entrevista com Patrícia Monte-Mor.....176**

Patrícia Monte-Mor
Antonio Jarbas Barros de Moraes

Doi: 10.35260/54210119p.212-233.2022

**Como se estivesse sempre encantado:
entrevista com João Martinho.....212**

João Martinho Braga de Mendonça
Caio Nobre Lisboa

Doi: 10.35260/54210119p.234-273.2022

**A gente queria se tornar protagonista da nossa própria história:
entrevista com Takumã Kuikuro.....234**

Takumã Kuikuro
Alessandro Barbosa Lopes

Doi: 10.35260/54210119p.274-290.2022

**Essa forma de se aproximar do mundo:
entrevista com Rose Satiko.....274**

Rose Satiko Gitirana Hikiji
Antônio George Lopes Paulino
Daniele Borges Bezerra

Doi: 10.35260/54210119p.292-318.2022

**Não há uma Antropologia que não dialogue com as outras áreas:
entrevista com Denise Cardoso.....292**

Denise Machado Cardoso
Alessandro Ricardo Pinto Campos
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Eric Silveira Batista Barreto

Doi: 10.35260/54210119p.320-336.2022

**As imagens se recusam a dizer o que pensam, porque pensam de
outra maneira: entrevista com Etienne Samain.....320**

Etienne Ghislain Samain
Alessandro Ricardo Pinto Campos

Colaboradores via crowdfunding.....337

Índice remissivo.....339



Lisabete Coradini é Graduada em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) (1987), Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (1992) e Doutora em Antropologia pela Universidad Nacional Autónoma de México (2000). cursou Pós doutorado em Antropologia pela UFSC (2008) e Pós doutorado em Antropologia pela Universidad Autonoma de Barcelona. Professora Titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Coordenadora do Núcleo de Antropologia Visual (NAVIS), Diretório de Pesquisa/CNPq-UFRN. Membro da Comissão de Elaboração e de Avaliação do Roteiro de Classificação da Produção Audiovisual/CAPES. Membro da Comissão da Imagem e Som da ANPOCS nas gestões 2001-2002 e do Grupo de Trabalho Antropologia Visual da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) (2009-2010) e (2011-2012). Presidente do CAV Comitê de Antropologia Visual (CAV) da ABA (2019/2020). Participa da Rede Temática de Cooperação Científica Comunicação, Cidadania, Educação e Integração na América Latina (REDE AMLAT PROSUL. MCT/CNPq N 11/2008). Atualmente é editora da Vivência Revista de Antropologia do Departamento de Antropologia/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (DAN/PPGAS/UFRN).

A Antropologia é a arte da escuta: entrevista com Lisabete Coradini¹

Lisabete Coradini

Telma Bessa Sales

Alexsânder Nakaóka Elias

Nilson Almino: Começando pela professora Lisabete, queria que você contasse um pouco da sua trajetória nesse campo da Antropologia Visual.

Lisabete Coradini: A possibilidade de lembrar e rememorar me leva a reconhecer um conjunto de conquistas: Trabalho de Conclusão de Curso, dissertação, doutorado, cargo de professora em uma universidade pública. Tudo isso é importante. No entanto, queria assinalar que foi, no final dos anos 1980, dando continuidade à minha monografia, que prestei concurso para o PPGAS na UFSC², com um projeto sobre sociabilidade e espaço público, cujo objetivo inicial era mapear os grupos que se apropriavam da área central em Florianópolis, Santa Catarina.

Nessa dissertação de mestrado sobre a Praça XV de Novembro, em Florianópolis, o objetivo inicial era mapear os diferentes usos e apropriações do espaço público. E para tanto, entrevistei diferentes frequentadores,



¹ A entrevista foi realizada em 19 de junho de 2020 e pode ser assistida em sua versão integral em <https://youtu.be/xohK2biBXxw>. Os entrevistadores foram: Nilson Almino de Freitas e Telma Bessa Sales.

² PPGAS - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social na UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

assíduos e eventuais, buscando identificar os diversos usos e significados dados ao espaço e compreender as redes de sociabilidade construídas pelos meus interlocutores. Além disso, acompanhei os eventos, em especial, o Carnaval, as procissões e as festas cívicas. Como a temática envolvia aspectos da construção do imaginário social da cidade, utilizei como fonte de pesquisa as crônicas sociais e policiais, revistas e jornais locais. E, fazendo parte desse universo, me aproximei dos “aposentados”, frequentadores habituais da praça, que nas entrevistas falavam da praça de antigamente, do passado da praça e da cidade.

A partir daí, passei a realizar uma investigação nos arquivos e acervos de fotografias da cidade de Florianópolis. E surgiu a possibilidade de analisar as fotografias da praça. Foi uma imersão e uma descoberta nessa área da imagem, fotografias e filmes. Gostaria de salientar que foi, nesse período, que me deparei com artigos que estavam sendo publicados sobre o tema do uso das imagens na pesquisa e com a consolidação da área da Antropologia Visual no Brasil. E isso me levou a trabalhar com duas áreas: Antropologia Visual e Antropologia Urbana, duas áreas que tenho trabalhado até hoje, cidades e imagens. A dissertação, sob orientação da professora Ilka Boaventura Leite, foi publicada em formato de livro, com o título “Praça XV: espaço e sociabilidade”. Durante os anos 1992, 1993 e 1994, participei do NUER (UFSC)³ e realizei projetos sobre identidade e territorialidade. Além da produção de um vídeo-documentário sobre o mercado público de Florianópolis (NUER, 1994, 20 min.).

No meu doutorado na UNAM (Universidad Nacional Autónoma de México), com orientação de Rafael Taylor, me propus a analisar as memórias do futuro, ou seja, a maneira como nossas cidades – as cidades do fim do século XX – foram imaginadas pelo cinema, pela literatura, pelas séries de televisão e pela arquitetura. A tese ficou dividida em duas partes: uma pesquisa com imagens de cidades futurísticas no cinema; e a outra, que comparava os projetos urbanísticos utópicos elaborados nas décadas de 1950 e 1960, a construção de Brasília e a construção da Ciudad Satélite, no México. De um lado, o arquiteto Mario Pani no México; e de outro, o arquiteto Niemeyer – ambos dentro de uma corrente de pensamento da modernidade que segue as linhas do arquiteto Le Corbusier. Então, fui trabalhando com essas questões: cidades latino-americanas, imagens e futuro.

3 Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas - UFSC.

É interessante que hoje, falando sobre esse trabalho, me dá vontade de retomar, de repensá-lo hoje, depois de tantos anos, um desafio que vocês estão me colocando, pensar o futuro das cidades. Eu gostei muito da minha pesquisa de mestrado. Na época, o mestrado durava quatro anos, tinha um tempo maior para a pesquisa, para realizar um trabalho denso. O ano de 1994 foi muito emblemático. Realizei o sonho de aprovação num concurso público para ser professora de Antropologia em uma universidade pública. Tomei posse na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e, no mesmo ano, o meu projeto de doutorado no Instituto de Investigaciones Antropológicas (IIA) da UNAM foi aprovado pela CAPES⁴. Conseguir adiar meu afastamento para o ano de 1996 com apoio dos meus colegas de departamento. De 1996 a 1999, realizei o doutorado no IIA, na UNAM. Quando retornei à UFRN, fundei um grupo de pesquisa, o NAVIS (Núcleo de Antropologia Visual). As pesquisas do NAVIS têm privilegiado especialmente temáticas sobre Antropologia Urbana, Antropologia Audiovisual e imagens e novas tecnologias. O NAVIS é um espaço de pesquisa, interlocução e diálogo entre os pesquisadores e destes com a sociedade envolvente sobre temáticas e questões relativas à imagem e às cidades.

Retrocedendo um pouco mais, no ano de 1994, tomei posse na UFRN. Naquela época, a universidade vivia uma fase caracterizada por uma política de expansão e pela defesa da educação. Nesses primeiros anos na UFRN, em 1995, conheci uma mulher empoderada, e isso foi muito importante para conhecer o “Nordeste profundo”. Ilda Ribeiro de Souza, conhecida como Sila. Ela fez parte do bando de Lampião, amiga de Maria Bonita e casada com Zé Sereno. A memória das mulheres do cangaço não pode ser esquecida. Mergulhei nas leituras sobre o sertão brasileiro, organizei um roteiro, participei de um edital nacional de roteiros e propus a Sila para realizarmos, de forma partilhada, um documentário sobre o universo feminino na construção do que hoje conhecemos por cangaço. Esse documentário intitulado “Sila, entre bandidos e heróis, a mulher cangaceira” (TV Manchete/TVU/UFRN⁵) ganhou o prêmio de melhor vídeo universitário no Rio de Janeiro e contou com o apoio da TVU. Foram dias intensos, ouvindo histórias, cozinhando, dividindo a mesma cama e pintando os cabelos de Sila, prestando atenção em cada gesto, trejeitos. Percorri várias cidades: Serra

4 Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

5 TV Universitária - TVU/UFRN.

Talhada, Juazeiro, Poço Redondo, e a Grota de Angico, palco de uma das maiores atrocidades realizadas pela polícia nordestina: morte e exposição das cabeças cortadas de Lampião, Maria Bonita e nove cangaceiros, na madrugada de 1938. Conta a história de Sila e Zé Sereno, que escaparam do massacre e foram para São Paulo, em 1947.

Quando cheguei em Natal, em 1994, fui morar no bairro de Ponta Negra. O bairro estava passando por transformações urbanas e comecei a fotografar essas mudanças, com a intenção de registrar as mudanças da Vila de Ponta Negra. Acompanhei durante dez anos todas as mudanças e as transformações urbanas do lugar. Consegui montar um acervo fotográfico muito interessante, complexo. Um material muito rico. E, ultimamente, fiz um trabalho ligado ao bairro das Rocas, com os sambistas, as escolas de samba, as mulheres envolvidas com o samba aqui em Natal.

Então, tenho trabalhado sempre dentro dessas duas perspectivas: Antropologia Urbana e Antropologia Visual. Trabalho com temas como cidades, memórias, narrativas e itinerários, que é o nome também de um projeto de pesquisa que estou há cinco anos coordenando junto com Maria Angela Pavan, (Decom/UFRN⁶). Participamos do Edital Proext, conseguimos um financiamento para produzir alguns documentários e um CD “Mestre Zorro e o Samba Canguleiro” com os sambistas do bairro das Rocas, que nunca tinham participado de um CD ou gravação. E publicamos o livro: “Narrativas, Memórias e Itinerários,” que privilegia a discussão sobre as estratégias metodológicas na produção do audiovisual, que é o tema que estou trabalhando nesses últimos anos. Apenas um resumo, difícil falar sobre todos os trabalhos: foram muitos ao longo desses anos. E foi esse olhar que escolhi para cada tema de pesquisa: em cada bairro, em cada comunidade, procuro ver o que torna a vida possível.

Nilson: Lisabete, nesses seus trabalhos, uma coisa que me preocupa muito, na minha área, na Antropologia Visual, é a questão da restituição. A discussão da antropologia compartilhada. Queria saber se isso passa pelas suas preocupações e como é que você tentou trabalhar com essas questões? E como é que as pessoas responderam a esses trabalhos? Essas pessoas com quem você se envolveu. Tanto os sambistas, como as pessoas do bairro das Rocas, a “Sila”, enfim, as outras pessoas com quem

6 Departamento de Comunicação Social - Decom/UFRN.

you worked also as researchers. I wanted you to say a little about that.

Lisabete: Before talking a little about my experience, I think it's important to comment on the teaching of the filmmaker-anthropologist Jean Rouch with relation to his film "Battle on the Great River" (Niger, 1950-1951). The film tells the story of the battle on the Niger river and he added a musical score. When Rouch showed it to the characters of the hunt, they reminded Rouch that that music wouldn't be there, because a hunt needs to be silent. From Rouch's films, I passed to understanding better the process of sharing. This feedback is important and is the result of a work that is shared. When I go back to Jean Rouch, he says that the future of Anthropology is Visual Anthropology and that Anthropology is a shared Anthropology. If it is not shared, it is not Anthropology.

The documentary "No Mato das Mangabeiras" (direction: Lisabete Coradini and Maria Angela Pavan, NAVIS/PROEXT/UFRN) tells the experience of five women collectors of mangaba from Vila de Ponta Negra. It was a very interesting documentary, with as its base the dissertation "Etnografia Visual das Mangabeiras nas Matas do Tabuleiro Costeiro", by José Concertino, and the extension project "Voices of the Vila". The documentary tells the story of these five women and of an activity that is already practically ending, because there is no interest on the part of the younger generation to continue with the collection of mangabas. The launch of the documentary took place in Vila de Ponta Negra, in the place of residence of the mangabeiras. They participated, they commented, and we recorded their responses with relation to production. And we always discussed the results with the small team involved. The testimonies of those who live the history of a place are the most important in this process. For this reason, the method that we chose, of extending the time of recordings and meetings with the interlocutors, is a way of allowing that the memory that is submerged comes to give meaning to what is more significant for the group.

With relation to the documentary about the "Sila, a cangaceira", I would like to do

Aí eu volto a Jean Rouch, que diz que o futuro da Antropologia é a Antropologia Visual e que a Antropologia é uma Antropologia compartilhada. Se não é compartilhada, não é Antropologia.

duas observações. É um trabalho mais antigo, de 1995. O lançamento desse documentário lotou o auditório da UFRN — todos queriam conhecer pessoalmente a Sila. Foi um evento muito legal, as pessoas puderam conhecê-la, ouvi-la, se aproximarem dela. Este é o primeiro ponto: mostrar nosso trabalho para a sociedade mais ampla. E, o segundo, a realização de um trabalho compartilhado. Sila e eu, todo dia, durante os dois meses de gravação, conversávamos muito, discutíamos o roteiro, os lugares das gravações. E, assim, fui aprendendo sobre histórias do Cangaço a partir de uma perspectiva feminista. Uma realidade desconhecida para mim.

Poderia falar de vários outros trabalhos de pesquisa que realizei ao longo desses anos. Mas a minha opção pela Antropologia Visual é justamente essa possibilidade de diálogo, de compartilhamento e de devolução aos interlocutores e à sociedade mais ampla. Um artigo, uma tese, uma dissertação, ficam muito restritos à academia, dentro de seus muros. Não tem uma repercussão, nem mesmo chega à própria comunidade que você estudou e não tem um impacto na sociedade mais ampla. Produzimos documentos públicos e hoje eu acredito, cada vez mais, que a Antropologia tem que ser uma Antropologia pública, uma Antropologia compartilhada e pública.

Telma: Professora Lisabete, eu perguntaria, se a senhora puder comentar, qual é a importância, então, de um trabalho como a Antropologia Visual na atualidade?

Lisabete: Atualmente estamos vivendo uma situação de isolamento social, Covid-19, pandemia e essa situação tem afetado todos nós: estudantes, trabalhadores, pesquisadores. Eu lembro de um debate, no final dos 1980 e início dos 1990, um debate sobre o “na/da”. Ou seja, a Antropologia urbana era uma Antropologia “na” cidade ou “da” cidade? E agora, estamos diante do “na/da”, uma Antropologia “nas” redes ou uma Antropologia “das” redes sociais? A meu ver, a discussão sobre pesquisa virtual sempre existiu, mas com a pandemia o debate se ampliou. As novas tecnologias estão provocando novas estratégias, novas ferramentas, novas formas de fazer pesquisa, como os formulários do Google Docs, *surveys*, entrevistas on-line, videochamadas, web-conferências, entre outros.

Mas, voltando à sua pergunta, qual a contribuição da Antropologia Urbana diante da crise provocada pela Covid-19? É uma questão importante, imagino que muitos pesquisadores estão produzindo artigos. É uma res-

ponsabilidade muito grande analisar esse quadro de dor, sofrimento, estratégias políticas e econômicas. Como as pessoas estão lidando com uma série de informações.

A Antropologia Visual tem muito a contribuir e um dos caminhos é o da divulgação científica. Este ano, 2020, criamos o *Instagram* @NAVIS_UFRN, com o objetivo de divulgar nossas pesquisas e pesquisas na área da Antropologia Visual.

Vários laboratórios de imagem e som, em diferentes instituições (UFPEL, UFPB, UFF, UFRN), passaram a produzir e publicizar fotografias, desenhos e filmes sobre o novo cenário deflagrado pela pandemia, principalmente no *Instagram*. Por exemplo: @pandemiadenarrativas, @relatosdeumapandemia, @antropoeticas, entre outros. Nas redes sociais, para citar um exemplo, destacaria a iniciativa do @observantropologia, que realizou um trabalho de antropologia de desenho sobre o uso do álcool em gel, da máscara, dicas sobre a doença, saúde, corpo, cuidados, através de desenhos, de forma bastante acessível para chegar a populações vulneráveis.

Também um novo formato de divulgação científica são os podcasts. *Podcast Mundaréu*, *Podcast Antropolis* e *Podcast Observa Mundo* são iniciativas dos antropólogos, que não estão necessariamente trabalhando com a Antropologia Visual, mas nessa área, e estão utilizando essas ferramentas. Eu acho que esse é um dos caminhos que a Antropologia poderia contribuir promovendo e orientando ações, como também combatendo os discursos negacionistas.

Telma: Então, professora, nesse sentido, nós temos visto, e a senhora tocou em dois pontos fundamentais, que é exatamente o das novas tecnologias e esse novo formato, que nós inclusive estamos inseridos, estamos aprendendo a lidar com essas ferramentas, não é? E também estamos coletivamente aprendendo a lidar com uma situação de crise sanitária, política, global. Nesse sentido, eu perguntaria para a senhora como é que a senhora vê, talvez, esse acesso? Na sua narrativa, você falou da divulgação científica, no momento em que nós estamos vivendo uma sociedade que nega a ciência e que despreza a pesquisa, nesse momento em que vivemos a desvalorização dos profissionais das áreas de humanas, por exemplo. De um combate à pesquisa científica, um desprezo à produção do conhecimento. Parece até uma forma institucionalizada do obscurantismo. E ligan-

do isso à tecnologia, a distância abissal que nós teremos entre os que têm acesso, os trabalhadores, os profissionais que têm acesso a tudo isso, e a grande massa que obviamente ficará à margem, ou já está à margem. Então, como a Antropologia, em diálogo com as outras áreas, pode construir realmente outras possibilidades? Como a senhora falou e a sua prática é exatamente maravilhosa nesse sentido, de diálogo com as periferias, com os sujeitos sociais... Como nós podemos vislumbrar essa prática coletiva da construção do saber pós-pandemia, digamos assim?

Lisabete: Muito importante as suas colocações. Eu acho que tudo está muito incerto. Esse contexto de crise global, de isolamento, de medidas restritivas, tem provocado e atingido cada um de nós de forma diferente. Por um lado, discursos contra a ciência, *memes*, piadas; e por outro, uma população vulnerável sendo a mais atingida, situação de extrema pobreza e fome. Pensar e refletir sobre como estamos vivendo esse momento pandêmico e o que será essa pós-pandemia. Qual a contribuição da Antropologia Urbana e Visual é uma questão inquietante.

Eu estava comentando sobre pesquisas nas redes sociais e como as novas tecnologias podem ajudar a divulgar nossa produção, o conhecimento científico e como fazer esse conhecimento produzido nas universidades chegar nas comunidades, nas populações mais vulneráveis. A produção de novos formatos de divulgação da ciência através de Podcasts, *Instagram*, *YouTube*, *Twitter*, podem proporcionar um impacto maior na sociedade.

Por exemplo, há dois anos, realizei um pós-doutorado na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB). E, naquela ocasião, tive a oportunidade de fazer um curso sobre podcast, “*Micrófono lilá*” (“microfone lilás”), dirigido a mulheres e produzido por mulheres, com a intenção de levar temas sobre empoderamento feminino para as mulheres do bairro *Poble Sec*. Um podcast de mulheres, falando sobre a situação das mulheres, para as mulheres do bairro. Então, isso foi muito interessante, esse diálogo, aprendi algumas técnicas, ferramentas, e como esse diálogo pode chegar às mulheres do bairro. E

**Pensar e refletir
sobre como estamos
vivendo esse momento
pandêmico e o que será
essa pós-pandemia.
Qual a contribuição da
Antropologia Urbana e
Visual é uma questão
inquietante.**

elas também participavam, com perguntas. Eu acabei fazendo um programa, que foi sobre o mito do amor romântico. Eu, uma canceriana, desconstruindo o mito do amor romântico e, em catalão, para a comunidade, para as mulheres, pensando e refletindo junto com as mulheres, que têm uma outra experiência do movimento feminista, porque são mulheres muito engajadas, combativas.

Atualmente, há vários canais no *YouTube*, blogs de historiadoras, antropólogas e sociólogas. Essa discussão atinge um público mais amplo, dá visibilidade à nossa produção intelectual. Mas voltando à sua pergunta, sobre os ataques que a ciência enfrenta hoje. Uma das soluções para enfrentar os ataques que a ciência vem sofrendo é criar formatos para divulgar a ciência de forma acessível, direta e eficaz. É nisso que eu venho insistindo, por uma Antropologia pública. Quem está familiarizado com as dinâmicas e a velocidade de criação de conteúdo nesse grande mundo on-line, conhece as iniciativas que estão acontecendo neste mês, nesses últimos meses, e que serão importantíssimas para o enfrentamento dos embates que virão no pós-pandemia. Outro ponto importante, com relação ao ensino: educação à distância, aulas remotas. O contexto pandêmico acelerou essa discussão.

Nilson: As entrevistas remotas, não é?

Telma: Mas então, ela desenvolveu muitas pesquisas interessantes, não é, professor Nilson? Muita coisa boa!

Nilson: Com certeza, muita coisa boa, mesmo! Então, a professora Denise Cardoso, que será entrevistada aqui pela gente, está pedindo o link do mito do amor romântico em catalão, para ela assistir.

Lisabete: (risos) É muito legal. A divulgação é feita no canal do *YouTube* e tem no *Facebook*, também. As pessoas podem acessar, é público. Era uma atividade que acontecia toda semana, nas segundas-feiras, à noite. E o tema era discutido com antecedência, seguindo os interesses das mulheres do bairro: violência, machismo, saúde reprodutiva.

Uma das soluções para enfrentar os ataques que a ciência vem sofrendo é criar formatos para divulgar a ciência de forma acessível, direta e eficaz. É nisso que eu venho insistindo, por uma Antropologia pública.

Nilson: Você poderia comentar se ainda existe um certo preconceito com relação ao uso, por exemplo, de imagens como linguagem acadêmica? Sabemos que o que prevalece ainda, o que ainda é reconhecido como linguagem científica, é uma linguagem muito textual. Minha pergunta é exatamente sobre quais são as dificuldades, além dessa, que ainda enfrentamos no campo da produção do conhecimento científico, no campo da Antropologia Visual. Porque, às vezes, eu vejo as pessoas ainda confundirem: “Não! O que você está fazendo aí é um documentário! Não! É um filme etnográfico! O que você está fazendo aí é arte, não é ciência!” E, mesmo dentro do campo da Antropologia Visual, ainda existem algumas polêmicas com relação a isso. Então, essas confusões, essas interfaces, às vezes ainda estão meio nebulosas e eu nem sei se se deve acabar com essa névoa. Eu acho que a mistura é até importante. Mas eu queria que você comentasse um pouquinho sobre isso, essas dificuldades que a gente ainda tem nessa área, com relação à produção de imagens, à produção no campo da Antropologia Visual.

Lisabete: Interessante a sua pergunta. Acho que é um debate que estamos sempre retomando, mas é necessário discutir, é um ponto importante. Na minha opinião, precisamos ponderar algumas questões. Por exemplo, se você vai trabalhar sozinha, trabalho autoral, com uma câmera na mão, ou se é um trabalho com uma equipe maior (roteiro, som, edição). Eu acho que devemos estar abertos às várias possibilidades: filmes, hipermídia, transmídia, podcast. O que tenho certeza é que eu não sou cineasta, eu sou antropóloga. O que é importante para mim é a minha pesquisa, os interlocutores, e se a minha pesquisa tem uma perspectiva antropológica.

Eu acho que as novas tecnologias colocam novas possibilidades. Se antes era impossível imaginar um museu virtual, hoje temos o museu virtual, em que é possível ter fotografias, imagens em movimento, texto, não é? Isso é bacana. Museus virtuais, blogs, sites, tudo isso que a gente está falando aqui nessa nossa *live*, e está contribuindo para desconstruir algumas questões e os desafios que estão sendo colocados pela disciplina. Mas eu acho que o grande desafio é com relação à avaliação da nossa produção audiovisual.

A rede de antropólogos/as visuais é muito atuante, muito batalhadora. A gente sempre buscou um “*Qualis Imagem*” para a nossa área, para avaliar

nossas produções audiovisuais. Eu lembro que participei, desde a produção, da elaboração de uma ficha, que foi feita para o “*Qualis Audiovisual*”. Participei, também, da primeira comissão de avaliação dos produtos audiovisuais, em 2014. Participei da segunda avaliação em 2018. Participei, durante os meses de agosto, setembro e outubro de 2018, do Grupo de Trabalho do Qualis Artístico e Classificação de Eventos, designado pela portaria Capes 172/2018, que se reuniu em cinco ocasiões elaborando o relatório de suas atividades, GT artístico-cultural e eventos, com o intuito de sustentar o relatório aprovado pela CAPES e CTC de adoção do nome “*Qualis Artístico-Cultural*” e da incorporação, na plataforma Sucupira, de uma categoria de produção intelectual chamada “Etnografias Audiovisuais”. No início do ano, fui convocada pelo coordenador da área de Antropologia e Arqueologia para participar da comissão de classificação de produções audiovisuais, juntamente com os colegas Renato Athias (UFPE) e Mariana Petry Cabral (UFMG). Espero que a nossa produção audiovisual possa ser cadastrada como etnografias audiovisuais dentro da plataforma Sucupira.

Nilson: Professora, qual é a diferença entre um documentário e um filme etnográfico? Essa questão me parece ser importante, até para poder alinhar com essa discussão, que já está no CAV há algum tempo, no Comitê de Antropologia Visual, de como classificar os trabalhos, não só para o próprio Pierre Verger, mas para a própria CAPES. Qual seria a distinção? Reforçando essa mesma questão, mas de ordem operacional, por exemplo, num programa de pós-graduação, quando a pessoa termina uma dissertação ou tese, ou mesmo na graduação, TCC, um trabalho com fotografias, com filmes ou outras linguagens que não sejam textuais, isso pode ser considerado um trabalho válido para defesa de final de curso? Queria saber a tua opinião sobre essas duas coisas.

Lisabete: Certo. Acho que não existe essa fronteira tão rígida. Muito já se falou do nascimento da antropologia e do cinema. É só retomar um pouco da história do documentário. O filme “*Nanook, o esquimó*”, de Robert Flaherty (1922), é considerado um documentário porque traz todos esses aspectos da vida cotidiana do Nanook e da sua família, a caça à foca, a moradia, as estratégias de sobrevivência. Um filme reconhecido como pioneiro de uma narrativa fílmica. Não podemos deixar de mencionar Jean Rouch para deslocar as fronteiras do filme etnográfico e ficcional. Jean Rouch, nas décadas de 1950 e 1960, foi um nome que influenciou o filme etnográfico,

por trazer novos horizontes sobre o cine-transe, sobre a importância da câmera, do estatuto da verdade e do real na produção do conhecimento. Eu gosto muito do Eduardo Coutinho, Joel Zito Araújo, Agnès Varda, documentaristas e antropólogos que contribuíram para o debate e consolidação da antropologia audiovisual no Brasil. Essa polifonia é importante. O que não pode é cada um ficar na sua caixinha. Temos que ter essa visão mais alargada e aprender um pouquinho aqui, um pouquinho ali, discutir com as diversas áreas do conhecimento, que são todas importantes. Pensar e escolher o seu estilo, a sua maneira de fazer, dentro de um parâmetro da ética, do respeito e, principalmente, do ouvir o outro. Eu escrevi um artigo/memorial para o concurso de professora titular na UFRN, que se intitula “A arte da escuta”. Para mim, a Antropologia é a arte da escuta, saber ouvir, saber escutar. Então, vamos construindo os nossos modelos, as nossas estratégias na produção audiovisual através de vários autores e criando à nossa maneira de fazer, o nosso fazer audiovisual. Gravar algo que não é visível só se consegue na imersão. Eu trabalho com histórias de vida e memória, e cada documentário ou filme é uma nova experiência, uma troca de saberes e pertencas. Há uma excelente bibliografia sobre esse tema.

A outra questão era sobre o TCC, não é? Eu lembro que alguns anos atrás, no curso de graduação de Ciências Sociais, existiam três possibilidades de o aluno realizar seu TCC, ou seja, três formatos: relatório de estágio, artigo e material didático no formato audiovisual. Mas, infelizmente, poucos realizaram a produção audiovisual. É importante incentivar e produzir com os alunos da graduação, mostrar que é possível trabalhar com produções audiovisuais curtas, com o celular, com os recursos que estão aí disponíveis. Mas, a meu ver, essas produções audiovisuais dependem de laboratórios, equipamentos, técnicos.

Telma: Muito interessante essa sua abordagem. E nós, que trabalhamos com a metodologia da história oral, um dos grandes desafios para o século XXI é exatamente isso, ouvir, saber ouvir e dialogar, não é isso? Considerando a pluralidade, considerando as várias narrativas que nós queremos que constituam a história. Não só uma versão oficial, mas essa pluralidade. Nesse sentido, tem um comentário muito interessante da Deyse Amarante... são dois comentários. Ela diz: “Penso que em relação à educação, o papel das Universidades estará em disputa, isso porque já há um enfraquecimento deste governo em relação à educação pública e gratuita”. Ela tam-

bém faz um comentário sobre a educação remota. E ela gostaria de ouvir a sua opinião sobre isso. A questão do ensino ou não em sala de aula. Além disso, professora, eu gostaria de ler um trecho de um artigo que a senhora fez, que se chama “Quando fomos modernos”. Tem uma epígrafe, do Marshall Berman, muito legal, que é assim: “Mesmo nas partes mais altamente desenvolvidas do mundo, todos os indivíduos, grupos e comunidades enfrentam uma terrível e constante pressão, no sentido de se reconstruírem interminavelmente. Se pararem para descansar, para ser o que são, serão descartados”. Gostaria que a senhora comentasse.

Lisabete: Nossa! Agradeço os comentários da Deyse Amarante. Esse modelo de aulas remotas é um desafio. Acho que a aula deve ser presencial, mas estamos caminhando para um modelo híbrido de aulas, presencial e não presencial, e isso exige do professor e do aluno um certo conhecimento de como lidar com videoaulas, o próprio manuseio dessa nova tecnologia. Estou ministrando o seminário doutoral no PPGAS, preparando minhas aulas e sinto que é um grande desafio prepará-las. Um desafio que teremos que enfrentar daqui pra frente.

Telma, você citou um trabalho que eu gostei muito de ter realizado, que tem a ver com a minha tese de doutorado, sobre a questão da cidade moderna. Quando eu falei sobre as imagens e imaginários das cidades do futuro, na verdade, estava falando sobre

Eu gosto muito do Eduardo Coutinho, Joel Zito Araújo, Agnès Varda, documentaristas e antropólogos que contribuíram para o debate e consolidação da antropologia audiovisual no Brasil. Essa polifonia é importante. O que não pode é cada um ficar na sua caixinha. Temos que ter essa visão mais alargada e aprender um pouquinho aqui, um pouquinho ali, discutir com as diversas áreas do conhecimento, que são todas importantes. Pensar e escolher o seu estilo, a sua maneira de fazer, dentro de um parâmetro da ética, do respeito e, principalmente, do ouvir o outro. Eu escrevi um artigo/memorial para o concurso de professora titular na UFRN, que se intitula “A arte da escuta”. Para mim, a Antropologia é a arte da escuta, saber ouvir, saber escutar.

as memórias das cidades do futuro. Um futuro que foi pensado a partir dos anos 1960, dentro desse período da “arquitetura moderna” ou “urbanismo moderno” e que já é passado. Memória. Nesse trabalho sobre bairros da cidade de Natal, eu retomo algumas questões sobre arquitetura moderna e planejamento urbano. Quando cheguei em Natal, percebi traços da arquitetura moderna na cidade. Natal é uma cidade que teve um *boom* nos anos 1950/60, devido à forte influência do estilo de vida norte-americano durante a Segunda Guerra Mundial. O Rio Grande do Norte, devido à sua privilegiada posição geográfica, foi o local escolhido pelos militares americanos para a instalação de uma base aérea. Natal tornou-se conhecida, então, como o “Trampolim da Vitória”. Essa influência da arquitetura moderna pode ser observada na construção das casas, nos prédios, nas instituições públicas. Várias casas tinham aquele “V” na fachada, “pilotis”, uma aparência abstrata; grandes áreas envidraçadas em fachadas desprovidas de ornamentação. Muitos painéis ou murais de autoria de artistas plásticos reconhecidos. Esses murais geralmente retratavam a população trabalhadora, os pescadores, trabalhadores do sal, jangadeiros. É interessante perceber como essa produção arquitetônica enaltecia a cultura popular. Esse movimento moderno provocou uma mudança estética da cidade sem precedentes, e que hoje acaba por sofrer descaracterizações. E aí eu percebi que Natal foi construída dentro de um projeto modernista. É uma cidade dos conjuntos, conjunto habitacional, conjunto dos professores, conjunto da Cidade Esperança, conjunto Potengi, conjunto Panatis. Então, eu comecei a percorrer os bairros da cidade e vi que realmente esse estilo estava presente. E acabei fazendo esse artigo que você citou. Não sei se respondi. Mas é algo como: “tudo que é sólido se desmancha no ar”. Você podia repetir (risos)?

Telma: Sobre essa transitoriedade mesmo que esse momento nos coloca. Podemos também nos referir ao Bauman. Por um lado, exige da gente o cuidado. Ao mesmo tempo, é uma velocidade de mudanças e de transformações que exige um reinventar, nos exige uma recriação, uma criatividade. Essa epígrafe que eu li diz exatamente isso: “*Se você não fizer, você será esquecido*”. Nesse sentido. E já que estou com a palavra, gostaria que você comentasse sobre uma gaúcha no Rio Grande do Norte, essa mobilidade social que foi se constituindo assim. Quais foram as maiores dificuldades que você teve em sua trajetória dentro desse campo da Antropologia Visual? Então, você é mais potiguar do que gaúcha, não sei. Você poderia comentar um pouco nesse sentido?

Lisabete: Com certeza (risos)! São 25 anos de universidade, trabalhando na UFRN, uma grande teia tecida por muitas mãos. Como eu falei, cheguei em 1994 e, em 2001, criei o grupo NAVIS, o Núcleo de Antropologia Visual, e estamos comemorando 19 anos. São 20 anos de muito afeto também. Interessante que sempre tive a sorte de ter excelentes orientandos e orientandas de tese, dissertação de mestrado, pesquisadores muito afetuosos e fui trilhando esse caminho junto com eles. E percebendo essa realidade, essa nova realidade que estava se colocando, novas oportunidades. Eu sempre gostei muito de viajar, de morar em outros lugares. Morei em Florianópolis, onde fiz o meu mestrado; depois morei na cidade do México, onde fiz doutorado. Eu nasci numa cidade do interior do Rio Grande do Sul, chamada Caçapava do Sul. Morei em Santa Maria, onde fiz a primeira graduação; depois fiz a minha segunda graduação em Porto Alegre. Durante o doutorado, tive dois filhos no México e isso foi fantástico, maravilhoso, e eu ainda vou escrever sobre isso. Gostaria de contar essa experiência de ser mãe, doutoranda e professora universitária.

Em Natal, fui me adaptando, me deparando com outra realidade, me questionando e aceitando os desafios. Tive a sorte de tecer uma rede de amigos e amigas, com quem pude compartilhar, pessoas que me ajudaram, que me auxiliaram na casa, com os filhos, e assim conseguir tocar o meu mundo vivido e meu trabalho na UFRN.

Logo que cheguei em Natal, conheci a “Sila”. Fui pro interior do Nordeste, conheci o sertão nordestino através do olhar de uma mulher forte, guerreira. Essa opção ou escolha dos interlocutores, acho que eles que me escolheram; e eu vou, eu embarco nessas viagens de descobrir, de me descobrir. Descobrir o outro e, também, me descobrir nessas trajetórias. Pensar nas questões: o que eu quero, quem eu sou, qual é o meu estilo? Nessas andanças, transitoriedades, fluxos, fui moldando um estilo de vida, trabalho, perspectiva. Na sala de aula, nas orientações, dentro e fora da UFRN. E já são 25 anos de trabalho, de dificuldades e de muito prazer. Mãe, com filhos pequenos, muita vontade de fazer as coisas, criando um grupo de pesquisa, querendo trabalhar. Foi preciso administrar uma série de questões.

Nilson: Eu queria voltar ao tema dessa operacionalização das imagens como trabalho científico. Eu entendi que você está propondo que a gente não pode abrir mão completamente da escrita? O legal é você ter esse

diálogo da imagem, da escrita. Na verdade, eu fiz essa pergunta porque eu vi uma professora da área de Antropologia Visual, e na verdade não foi só uma, mas várias... dizendo que não podemos abrir mão da escrita, mesmo trabalhando com imagens, justamente porque existe na escrita essa possibilidade de discutir melhor a teoria, os conceitos. Fica mais complicado transformar isso em imagens. Não que isso seja impossível, mas como são linguagens diferentes, ocorre essa complicação. E dentro dessa linha, eu gostaria que você falasse sobre que conselhos você daria para os estudantes que querem iniciar nesta área da Antropologia Visual? O que eles devem fazer? Queria que você comentasse também sobre esse primeiro aspecto que mencionei, sobre a relação da escrita com a imagem.

Lisabete: Eu acho que é importante essa discussão da escrita e da imagem. Etienne Samain publicou vários artigos e dá pistas nesse sentido. Etienne é muito importante, um antropólogo que admiro muito. Ele fala sobre texto, oralidade e escrita na antropologia, um autor importante que deixo como dica, entre tantos outros. É interessante, por exemplo, pensar que para realizar uma produção audiovisual você tem ou não um roteiro. E depois você “textualiza as imagens”, publica artigos sobre essa produção audiovisual, sobre as suas estratégias metodológicas, não é?

Quando eu comecei a fazer o trabalho do “Samba das Rocas” com sambistas, eu conheci o mestre Zorro. Ele frequentava diferentes lugares de sociabilidade daqui de Natal: Rocas, Beco da Lama, enfim... E o trabalho era fazer uma história de vida, uma biografia dele. Mas quando eu fui conversar com ele, ele disse: “Não! Para você conhecer, entender um pouco de samba, você tem que conhecer outras pessoas, outros personagens, pessoas que foram importantes aqui...”. Acabei fazendo um documentário mais sobre outras pessoas do que sobre ele. Você tem uma proposta e essa proposta pode também tomar outros rumos. Temos que ficar atentas a essas questões também. E eu estava tentando escrever sobre isso, sobre as imagens e sobre essa produção em um artigo. O que estava pensando era sobre escrever dicas de produção, dicas para alguns mestrandos que têm interesse na Antropologia Visual.

Nilson: Nos rituais de iniciação dos estudantes no campo da Antropologia Visual, é?

Lisabete: Isso... Então, eu lembro da Clarice Peixoto, professora da UERJ, que trabalha com Antropologia Visual há muito tempo. E ela sempre dizia: “*olha, quem quer trabalhar com Antropologia Visual tem que assistir os filmes*”, ver filmes, fotografias, participar de eventos sobre filmes etnográficos, festivais, mostras, prêmios. É isso! Tem que estimular os alunos a assistirem filmes, participar de mostras e ensaios fotográficos e eventos relacionados ao tema.

Hoje temos importantes festivais etnográficos, como o Fórum Doc; Festival de Filme Etnográfico do Pará; Festival do Filme Etnográfico do Recife; Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul: Brasil, África, Caribe e Outras Diásporas; Prêmio Pierre Verger; Mostra Arandu de Filmes Etnográficos, para citar alguns. São festivais importantes. Esse ano, esses festivais vão acontecer de forma on-line, acesso livre e gratuito, dentro de outro formato, que é bem interessante. O Festival de Cinema de Brasília foi todo online, não é? O Festival “Nem tudo é verdade” também foi on-line. Uma oportunidade para assistir a vários filmes etnográficos, documentários, ficcionais e experimentais.

Todos os eventos acadêmicos, hoje em dia, como RBA⁷, RAM⁸, ANPOCS⁹, contam, na sua programação, com ensaio fotográfico, mostra de filmes. Então a dica é essa: participar, produzir e publicar. Atualmente existem várias revistas especializadas na área de Antropologia Visual, como Anthropológicas Visual (UFPE); revista VISAGEM (UFPA); Fotocronografia (UFRGS), e revistas com sessões para publicação de ensaios fotográficos e filmes. Ontem mesmo, achei bem interessante ver “Bacurau” em casa, foi muito legal! Todo mundo ficou ligado, assistindo. Tem várias universidades promovendo debates, tanto com diretores, sobre os filmes, *webinários, lives*, discussões sobre antropologia visual.

Nilson: Tem duas pessoas que você mencionou, Etienne Samain e a Clarice Peixoto, que vão fazer parte, também, desta publicação. A Clarice já foi entrevistada e o Etienne também, mas o Etienne ainda vai rever algumas coisas e mandar para gente.

Lisabete: O Etienne Samain foi professor na UFRN. Ele fundou um programa de pós-graduação em Antropologia, em 1974. Ele realizou um trabalho

7 Reunião Brasileira de Antropologia.

8 Reunião de Antropologia do Mercosul.

9 Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

muito interessante com imagens, foi o precursor dessa área no Rio Grande do Norte e, portanto, aqui no Nordeste. Trabalhou com os índios Kamayurá. Acho que ele ficou uns dez anos por aqui; uma trajetória que rendeu muitos frutos aqui no Nordeste. Como pensar com imagens, como fazer um arquivo fotográfico. Eu publiquei uma entrevista com Etienne Samain no livro “Antropologia e Meio Ambiente”, que organizei junto com Francisca Miller.

Nilson: Você estava falando dos eventos, lembrando do Visualidades, e Alessandro Campos está lembrando do EAVAAM, do Pará.

Lisabete: Sim, desculpe. Visualidades, EAVAAM, entre tantos outros. E nesse formato virtual será muito interessante! Acho importantes todos esses eventos. A ANPOCS vai ser toda virtual, a RBA também. Aqui na UFRN, estou organizando a XVIII Semana de Antropologia com o título “O Fazer Audiovisual” em formato virtual. E estou pensando em como viabilizar os ensaios fotográficos e os filmes, como gerenciar tudo isso nesse novo formato.

Nilson: Queria sugerir que as pessoas que estão nos assistindo coloquem as suas perguntas. A primeira pergunta é do Alejandro Escobar: “gostaria de saber mais de sua relação com a pesquisa e a realização de documentários”. Eu tenho a impressão que a pergunta tem a ver mais com uma questão metodológica, como isso se dá, a relação da pesquisa com a produção do documentário?

Lisabete: Obrigada, Alejandro Escobar. Associar a investigação científica à práxis da produção audiovisual é a minha bússola. Eu fiz alguns comentários, como construir métodos e práticas em campo. Como é importante refletir sobre o desenvolvimento de metodologias de pesquisa que envolvam tanto dados em campo como o posterior tratamento destes na elaboração de narrativas sobre a vida social. Acho que é preciso estar presente em todas as etapas: a pesquisa, a decupagem, edição, finalização, pós-produção.

Como é importante refletir sobre o desenvolvimento de metodologias de pesquisa que envolvam tanto dados em campo como o posterior tratamento destes na elaboração de narrativas sobre a vida social. Acho que é preciso estar presente em todas as etapas: a pesquisa, a decupagem, edição, finalização, pós-produção.

Telma: A senhora é muito querida! Muitas mensagens de carinho, elogios. Parabéns, professora, te agradecemos novamente, não é, professor Nilton?

Lisabete – Alessandro Campos gostaria que comentasse sobre CAV/ABA. Atualmente sou coordenadora, mas acho que já falei das atividades do CAV e do GT artístico-cultural. No site do CAV¹⁰ tem um banco de dados sobre a Antropologia Visual no Brasil e se algum laboratório não está lá no nosso site, por favor, mande um e-mail pra mim, para cadastrar. Acho importante ampliar essa rede de pesquisa para a América Latina, México, Uruguai, Colômbia, e para a França, Espanha. O CAV/ABA está no *Facebook* e *Instagram*.

Nilson: Tem uma pergunta aqui bem longa, do Alex Nakaóka. Ele diz assim: “a Antropologia compartilhada à Jean Rouch é sempre mencionada na Antropologia pós-moderna/contemporânea e com razão! Mas, como a professora Lisabete bem disse, qual Antropologia não seria compartilhada? Nesse sentido, a minha questão, que é quase retórica, é se não existiriam outras formas de restituição, como editar tais imagens com a ajuda direta dos interlocutores?” Outra pergunta: “a outra questão talvez seja mais para reflexão sobre a separação entre o que é Arte e o que é Antropologia, o que é documentário e o que é filme etnográfico? Talvez devêssemos levar em conta o conceito de ‘grafias’, de Ingold (2015), para evitar as intrigas entre verbalidade/escrita/oralidade e visualidade”. E a terceira questão: “a professora considera os filmes da Comissão Rondon, na figura do cineasta major Thomaz Reis, realizados antes de Nanook, embora com caráter bem colonialista, como filmes etnográficos?”

Lisabete: São questões que exigem um debate mais longo. Concorde com os comentários de Alex Nakaóka sobre a questão da antropologia compartilhada, sobre as formas de restituição. Também concordo que é impossível fazer um trabalho solitário com relação a imagens. Jean Rouch sempre contou com os seus amigos, Oumarou Ganda e Petit Touré. Seus filmes eram para os seus amigos, depois para os amigos africanos e, em terceiro, para a academia. Então, essa é a postura do Rouch, sempre contou com três amigos, o que é interessante ressaltar que eles se tornaram atores e/ou cineastas. A atriz do filme “Pouco a Pouco” (1972), Safi Faye,

10 Disponível em: <https://cavantropologiavis.wixsite.com/cavaba>.

também se tornou uma cineasta. E o Jean Rouch realizou mais de cem filmes, e a maioria sobre rituais. Ele, portanto, é um cineasta *de* rituais.

Com relação aos filmes de registro, é hora de rever os filmes da Comissão Rondon. Fernando de Tacca tem um belíssimo trabalho sobre a Comissão Rondon. Edgar Cunha tem um trabalho interessante sobre os filmes do Major Thomaz Reis. São fotografias e filmes de registro, importantes registros de uma época, de um momento que o Brasil estava atravessando, vivendo.

Telma: Temos aqui outra reflexão da Andreia Pagani: “gostaria de entender melhor sobre a voz do pesquisador no discurso do documentário etnográfico. E como é a estética? Qual a cronologia dos fatos? Quais as fontes utilizadas? Como isso vai se constituindo como uma ética, uma moral na exposição e no jeito de contar a história?”.

Lisabete: Eu trabalho com história de vida, biografia. Essa discussão é importante. Aprendi muito com Cornelia Eckert e a Ana Rocha que colocam essa discussão da etnografia da duração para a realização de produções audiovisuais. Precisamos refletir sobre a extensão do tempo no documentário.

Nilson: Professora, a Denise Cardoso pergunta: “como lidar com as questões do tempo na realização dos eventos, conversas, na atualidade?” E acho até que você já respondeu um pouco essa pergunta, mas se quiser comentar alguma coisa sobre isso. Como conciliar essa questão da atuação profissional, agora de forma remota, com o nosso tempo dentro de casa?

Lisabete: São situações que a gente estava conversando, falando sobre o cotidiano na pandemia e a pesquisa nas redes. A questão do ensino, principalmente, das aulas remotas. O primeiro ponto a ser debatido com relação à aula remota é a questão da inclusão, da desigualdade, do acesso à internet. Eu estava procurando dados do IBGE sobre a cidade de Natal, sobre o Rio Grande do Norte. E me deparei com os seguintes dados: 90% do estado têm cobertura da Internet. Mas 56% da população acessam através do celular. Ou seja, não têm computador em casa. Estava tentando entender isso e pensando como trabalhar com os meus alunos, com a sala de aula virtual, equipamentos, espaço privado, horários.

E se o/a aluno/a tem uma família que necessita da sua ajuda, precisa cuidar dos avós, tem filhos, outras tarefas, ou precisa compartilhar o com-

putador com o irmão, por exemplo. São várias questões. Como lidar com tudo isso, nesse momento de crise global provocada pela Covid-19, medidas restritivas, isolamento, *home office*? Às vezes, eu estou aqui com vocês ao vivo, alguém toca a campainha, recebi uma encomenda e eu não posso atender, mesmo estando em casa. São várias situações e precisamos aprender a lidar com tudo isso. E outra coisa, não sei se vocês estão sentindo isso, mas estamos com uma “sensibilidade” maior para tudo que está acontecendo no mundo. Tem dias que estou triste; outros dias não. Vamos seguir, vamos fazer isso, não dá para parar, a gente tem que continuar trabalhando, vamos retomar as orientações, o grupo de pesquisa. Mas cada um tem a sua fórmula particular de encarar esse momento. Eu me sinto oscilando um pouco. Num momento, eu penso: “calma, vamos respirar, vamos ver o que está acontecendo”. Tem outros momentos que bate um cansaço, nossa! Mas é preciso dar continuidade, os prazos estão aí, os alunos têm bolsa, têm que terminar o mestrado, têm que continuar no doutorado. E as pesquisas vão se reinventando, criando estratégias, outras abordagens. Há uma profusão de informações e não conseguimos dar conta de tudo! Muitos cursos on-line, muitas informações. Vamos pensar até que ponto a tecnologia nos ajudou, vamos ver o que vem agora, não é? O que a gente quer desse momento do pós-pandemia. Eu estava ouvindo a fala da Lília Schwarcz, na qual ela, citando Eric Hobsbawm, diz que devemos abrir mão das cronologias muito fixas e pensar que o século XX ainda não acabou! O século XIX terminou com a Primeira Guerra Mundial (1914/1918). Com toda essa tecnologia, somos humanos e muito vulneráveis, e que após essa pandemia, a gente vai entrar numa outra coisa, outro momento. Será?

Em vista da rápida ascensão das mídias digitais, *fake news* e *memes*, alguém pode entrar aqui na nossa *live* e falar alguma coisa. Ou pode pegar a minha imagem ou a imagem de alguma pessoa e colocar em outra situação, em outro contexto completamente diferente. Então, também estamos vivendo um momento de dizer: “Peraí! Vamos pensar até que ponto a tecnologia nos ajudou, vamos ver o que vem agora, não é? O que a gente quer desse momento do pós-pandemia?”. Eu quero uma vida mais tranquila, mais saudável, com ritmo menos atribulado. Quero fazer mais trabalhos em casa, porque não vai ser tão necessário as nossas saídas, os nossos trajetos. Enfim, o que significa ter uma vida mais saudável, qualidade de

vida? Produtos naturais, orgânicos e uma outra forma de vida, mais rural, menos urbana? Tem várias questões para pensar sobre essa embriaguez.

Telma: Nesse sentido, temos pessoas aqui desde às 14 horas, de vários lugares, de Natal, de Fortaleza. Eduardo Rodrigues, de Viçosa, do Pará, pergunta: “Professora Lisabete, sobre a sua dissertação sobre a Praça XV de Novembro de Florianópolis? Quais as dicas para quem pesquisa a praça pública?”.

Lisabete: Ah, legal! Pesquisa em espaços públicos: esse é o meu mote! Minha dissertação de mestrado foi sobre uma praça, a Praça XV de Novembro, em Florianópolis. Observar, caminhar, perceber, entender a configuração dos espaços públicos. Observar os frequentadores assíduos e eventuais, quem são essas pessoas, quem se apropria da praça? E analisar, também, a questão do planejamento urbano, o outro discurso, a versão “oficial”. De quem regularizar esses espaços. É sempre importante entender esses movimentos, tanto dos grupos que se apropriam desses lugares e que dão sentido, mas também estar atentos a toda uma política do planejamento urbano, das políticas públicas para a cidade, que muitas vezes vêm de cima pra baixo. A cidade é esse lugar do conflito, das tensões. E perceber as tensões nos espaços públicos: quem está na rua, o que significa estar na rua. Hoje essa discussão do que é público ou privado é muito importante.

Telma: Professora, e nessa perspectiva desse diálogo, dessa ação conjunta, fazer uma imersão nessas realidades... Qual o futuro dessa Antropologia? Como você pode vislumbrar, nesse sentido do interesse ou das perspectivas, mesmo?

Lisabete: No campo da Antropologia Visual, como eu já comentei, há múltiplas possibilidades. Hoje temos a tecnologia como aliada, câmeras profissionais fotográficas gravam em altíssima resolução. Já que temos a dinamização da técnica, penso que seja necessária uma reflexão sobre métodos que potencializem a relação entre entrevistado e entrevistador. Por outro lado, temos a opção de produção de canais no *YouTube*, podcasts, transmídia, hipermídia. Por uma Antropologia Visual cada dia mais engajada, comprometida, compartilhada, pública. Acho que está na hora de “trabalhar” com a divulgação científica. Tem uma outra questão importante que é a acessibilidade, legendar os filmes, audiodescrição, tradução. Tem filmes que estão em outras línguas, indígenas, por exemplo.

Hoje a audiodescrição é fundamental, é um recurso que traduz imagens em palavras. E aí vamos atingir pessoas com baixa visão ou cegas. Urge pensar cada vez mais nas questões da acessibilidade. Eu recebi um convite da SEDIS (Secretaria de Educação a Distância/UFRN), que trabalha com acessibilidade, para fazer uma audiodescrição do documentário “No Mato das Mangabeiras”. Foi um trabalho de quase um ano. Contou com a participação de um bolsista da área de Comunicação e de um aluno da área de Educação, que é cego. Esse aluno da graduação em Educação, que participou durante um ano desse projeto, fez a seleção de mestrado em Educação, foi aprovado e está cursando o mestrado em Educação. E qual é o projeto dele? A audiodescrição do documentário “No Mato das Mangabeiras”! Então, ele já está fazendo seu trabalho sobre audiodescrição no documentário. A trajetória desse documentário é fantástica, eu nunca imaginei que fosse virar tese de dissertação de um aluno cego. O meu trabalho já gerou outras possibilidades, outras restituições. É por isso que eu vejo muitos caminhos a serem trilhados pela Antropologia Visual e muita esperança para um mundo melhor!

Nilson: O Phillipe Bandeira, pergunta a respeito das possibilidades da restituição digital em contextos urbanos. E se você conhece referências de documentários interativos, de abordagem antropológica? Lembro também dos museus sociais virtuais e, inclusive, estamos trabalhando nesse sentido aqui no LABOME, na direção de criar o nosso. Queria que você comentasse sobre essas possibilidades?

Lisabete: Webdoc, cadernos digitais, documentários interativos, museus virtuais. A ideia do museu virtual, com imagens em movimento, fotografias, fotografias em sequências narrativas, textos escritos. Eu gosto do *Instagram* porque você faz o comentário, discute, provoca um diálogo que às vezes não acontece em outros canais. O *Facebook*, não sei. Existe também a possibilidade de criar uma página no *Facebook* com um perfil (pesquisa) e interagir com os interlocutores. Criar relação de interação entre participante e o conteúdo audiovisual. O canal do *YouTube* e podcast estão aí. Uma amiga pesquisadora da área da Comunicação, que tem um trabalho sobre casais que namoram à distância, criou uma página no *Facebook* explicando a pesquisa. É uma forma de divulgar a pesquisa, conseguir um número maior de interlocutores e, também, de manter essa interatividade.



Este livro foi composto em fonte Swis721 Cn BT, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m², com 342 páginas e em e-book formato pdf.

Impressão e acabamento:
Julho de 2022.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Série
Território
Científico

SER
TÁO
CULT

O ano de 2022 segue nos presenteando com os frutos do projeto Território Científico. Chegamos agora ao terceiro volume, Trajetórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil, na verdade, o primeiro livro de uma série de três, trazendo alguns dos maiores nomes da Antropologia (áudio)Visual brasileira.

É possível aprender muito com grandes mestres. Com os mestres reunidos neste livro, aprendemos que uma trajetória não é um caminho solitário, que a Antropologia não se faz só de texto, é visual, é a arte da escuta, é uma forma de se aproximar do mundo, de nos tornarmos protagonistas da nossa própria história, que não há uma Antropologia que não dialogue com as outras áreas. Aprendemos ainda que se agirmos como se estivéssemos sempre encantados, poderemos perceber que a representação está carregada de afetos, que a generosidade, a solidariedade e o sonho existem. E podemos conhecer juntos, e podemos aprender que as imagens se recusam a dizer o que pensam, porque pensam de outra maneira.

Realização:



Apoio:



LEPPAIS
Laboratório de Etnia, Pensamento e Práticas
em Antropologia da Imagem e do Som

ISBN 978-655421012-6



9

786554

210126